

UM TERRITÓRIO PARA O ENSINO DA ARQUITETURA

Ricardo Marques de Azevedo, Araken Martinho

Professor doutor

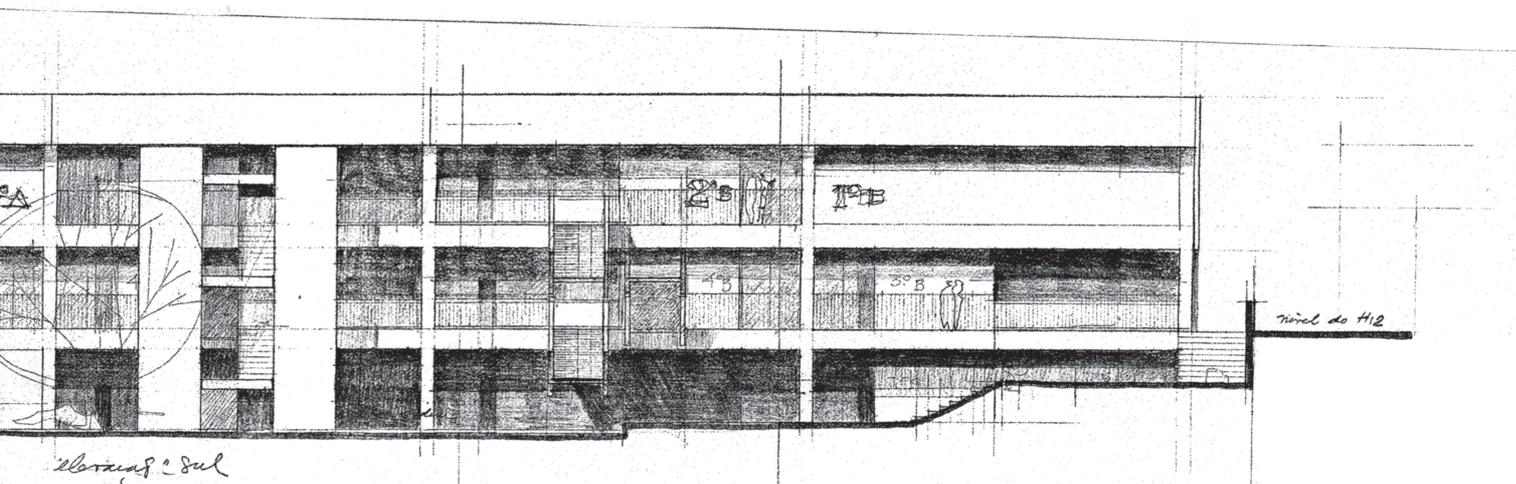
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – CEATEC PUC-Campinas

Professor associado da FAU-USP.

ricardomazevedo@hipernet.com.br

Arquiteto | Professor da FAU – CEATEC PUC-Campinas

araken.m@zaz.com.br



UM TERRITÓRIO PARA O ENSINO DA ARQUITETURA

*Architecti est scientia pluribus disciplinis et variis eruditionibus ornata, cuius iudicio probantur omnia quae ab ceteris artibus perficiuntur opera. ea nascitur ex fabrica et ratiocinatione.*¹

(Vitruvio Pollione)

Por ocasião das obras de construção do novo prédio para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo desta Pontifícia Universidade Católica de Campinas, talvez seja oportuno refletir acerca das idiossincrasias do ensino de arquitetura e dos espaços em que ele se dá. Emergindo, com Brunelleschi e sucessores, do sistema de corporações, é no *Quattrocento* florentino, com Alberti – quem emula e emenda o texto vitruviano –, que se estabelece o primeiro tratado moderno que versa sobre a dignidade e o decoro da coisa edificada. Nele se estatui e se compendia um *corpus* conceitual e aplicado passível de ser compreendido por quem se dedicar a seu estudo. Desse modo, a arte arquitetônica, sem deixar de todo o tronco do ofício (e seus segredos), medra também como disciplina. Enquanto o *aprendiz*, no canteiro, aos poucos, pela experiência, pela exercitação, enfronhava-se nos mistérios da construção e, aprendendo-as, preservava as tradições que se acumulavam há tantas gerações, ao *estudante* – atendendo ao que em Vitruvio se indica aos arquitetos² – compete transitar por *muitas disciplinas e variada erudição*, por questões abstratas³ e conhecimentos teóricos.

Peculiar é a formação do arquiteto: como indica a epígrafe, a arquitetura implica, ao mesmo tempo, indissociáveis, *fabricação* e *raciocínio*. É liberal, é arte, mas indelével nela remanesçam impregnados discernimentos e segredos do mister, raiz da qual seiva o conhecimento do edificar artístico. Enquanto o engenho da engenharia pluralizou-se, engenharias, o gênio da *ars ædificatória*, que implica simultâneas arte e ciência, desde o século XV, zela por preservar sua integridade: singular, arquitetura. O saber urbanístico, destarte, é-lhe congenial.

Desde que, no século XVII, reais academias a institucionalizaram, a educação do arquiteto se dá em contexto escolar (o que não exclui a visitação regular às obras). Contudo, nela, nem tudo é teoria, conhecimento estabelecido e invariável, *rationatione*. *Fabrica*: o estudante, atento, também desenha, ensaia, modela, experimenta, adestra o olhar, exercita a mão, apura gradativamente a perspicácia e o julgamento, transita pelas variedades do permanente e do efêmero para que seu projeto geste novos existires. Desse modo, seu tirocínio é em parte defluente da tentativa, dos erros que por vezes encaminham ao acerto, da opinião alheia, das observações diversas, das conversas e controvérsias com colegas, da comparação, da contemplação de coisas e de obras e mesmo o acaso e o imponderável não podem ser menoscabados. O aprendizado de disciplinas projetivas se ampara em saberes positivos, mas neles não se basta. E também por isso arquitetura é arte, vale dizer, participa necessariamente do campo da cultura e, assim, por ela se produzem algumas das formas, das matrizes e das representações pelas quais cada sociedade, cada tempo, se reconhece e se dá a conhecer.

É tendo em conta tais circunstâncias que os locais que se destinam ao ensino dessa nobre arte assimilam determinadas características. A formação do arquiteto, assim como a do pintor e do escultor, na tradição *Beaux-Arts*, fundava-se no exercício do desenho: a cópia do modelo, o nu e os gessos, as técnicas da aguada e do carvão, a perspectiva e a estereotomia, o estudo das sombras etc. eram a base a partir da qual se projetava a prática do arquiteto: pequenas e grandes composições. Nos magistérios de arquitetura no Brasil, desde a Academia Imperial no Rio de Janeiro, a republicana Escola Politécnica e o presbiteriano Instituto Mackenzie, desenvolvem-se as disciplinas específicas à formação do arquiteto em ateliês. Quando a recém-fundada Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo se instala na bela mansão do conde Penteado, suas dependências, em princípio, são amplas o suficiente para atender as pequenas turmas. No entanto, à medida que novos alunos ingressam, no fundo do terreno (à frente da casa) Plínio Croce levanta um ateliê onde se ensina, se discute, se estuda projetar. Naqueles ambientes fervilham – décadas de 50 e 60 do século XX – debates arquitetônicos, discussões culturais e disputas políticas. Quanta arquitetura se ensinou naquela mansão (na ocasião ainda não tão velha), e quanta arquitetura a velha mansão ainda ensina, como também ensina o prédio já não tão novo da FAU-USP na Cidade Universitária! E, novamente, o que se ensina (em arquitetura e em arte de modo geral) é condicionado também pelo lugar no qual se

ensina. E o lugar onde se ensina arquitetura só pode ser a cidade: trata-se, pois, de incorporar a cidade à faculdade. A cidade não é apenas um espaço material inscrito entre outros: é uma humana interação, uma troca de idéias e de experiências, uma vida política (da *polis*), uma urbanidade...

Desde o início de suas atividades, em 1974, no antigo Seminário, o empenho dos docentes e discentes da FAU PUC-Campinas tem se dado no sentido de professar tais valores, tal civilidade. Em 1976, quando o curso de arquitetura e urbanismo da PUC-Campinas mudou-se para o *campus* I, professores e alunos assinalam a importância do espaço para o ensino de arquitetura. Era uma escola que rejeitava copiar projetos prontos com suas hegemonias, mas que se consentiu em confrontar visões de mundo diferentes, que se expuseram e geraram nos Fóruns anuais, encontros de propostas, disputas por teses, análises que levavam a uma consciência crítica sobre as responsabilidades dessa escola que se iniciava.

A dimensão das salas, a luz abundante, o céu do interior, o mobiliário novo, os locais de reunião e encontro ajudaram a estruturar ações que desenharam a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas nos anos 1970 e 1980. As marcas das presenças intelectuais de vários colegas, dos confrontos e interpretações sobre a compreensão da modernidade como condição de transformação e não somente o desenho reconhecido dos mestres como estilo: tudo isso contribuiu para estabelecer no lugar certa espécie de território para o ensino da arquitetura. Mas a PUC-Campinas cresceu e o *campus* I foi se diversificando; entretanto, mantidas as quantidades de sala e ampliados os cursos, os espaços começaram a ser compartilhados, distribuídos pelos diversos institutos segundo mera análise combinatória de ocupação e, desse modo, esvaziando seu sentido e lhes conferindo uma face inexpressiva. Um mesmo lugar, servindo a diversos e diferentes usos, atende quase sempre mal a todos eles.

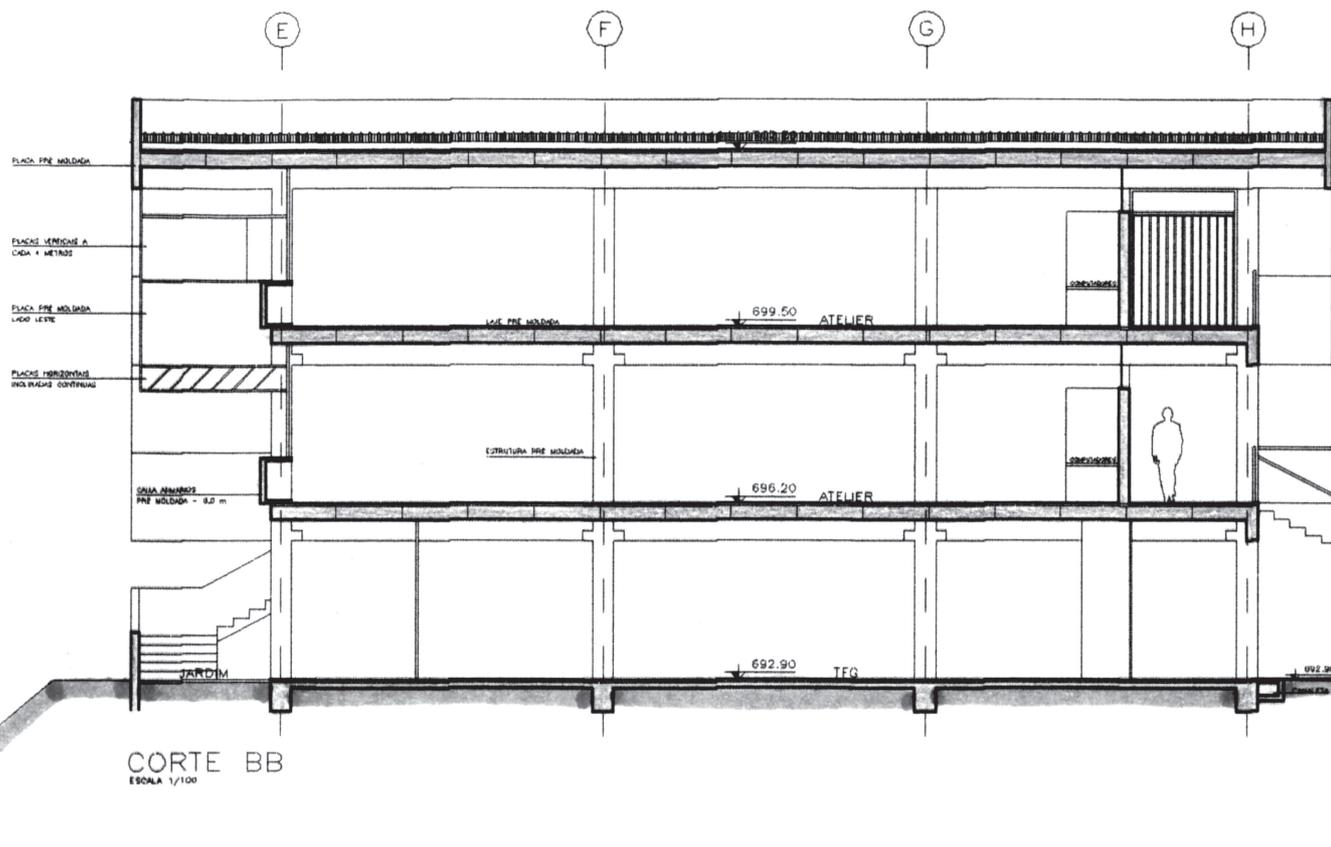
Passaram-se anos. Novos cursos se deslocam da cidade para o *campus*. A arquitetura construída nos *campi* naqueles anos dava mostras de não se firmar; experimentavam-se várias tecnologias, diversos modelos, numa busca que se mostrou débil como qualificação de espaço para o ensino. Os tantos desenhos de prédios construídos não eram respostas eficazes a enfoques diferentes, a pedagogias específicas, mas apenas tentativas e incertezas sobre como construir com eficiência. Essa eficiência era aferida pela capacidade de proporcionar espaços compartilhados que comportassem grupos de estudantes de vários institutos.

Em certo momento, a boa qualidade de alguns prédios marcou a necessidade de mudança. Reviram-se os planos diretores dos *campi* e se buscou a qualificação arquitetônica para as novas edificações. Com a aprovação de novo plano estratégico para a Universidade, sua estrutura acadêmica e administrativa foi alterada. O novo modelo, articulando as faculdades em centros, integrava a FAU ao Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias (CEATEC) no qual a Faculdade de Ciências Tecnológicas era uma base já construída no *campus* I, à qual se acresceram as várias engenharias, a informática, a mate-

mática, a química e a geografia. O CEATEC já contava com espaços reservados para laboratórios experimentais de alto significado no campo da pesquisa.

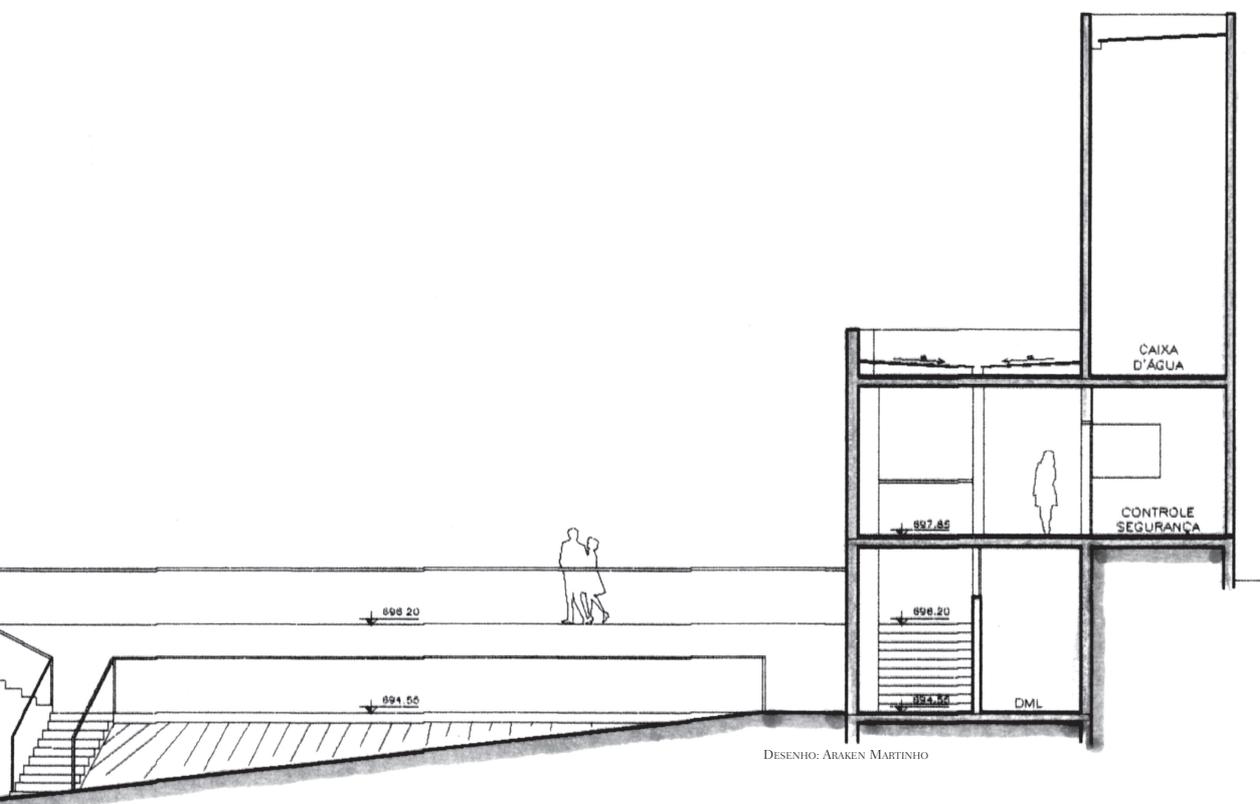
As possibilidades físicas existiam e apontavam para possíveis integrações que poderiam significar um patamar diferenciado desses cursos, de início ligados apenas administrativamente, mas tendo como possibilidade um novo universo de pesquisa para construção de uma arquitetura com forte base tecnológica, de um urbanismo no qual a nova geografia redesenhasse sua missão e, principalmente, a clareza para pensar o mundo como totalidade. Com a aceitação desses princípios, começou-se a cogitar sobre os espaços possíveis que atentassem às peculiaridades do aprendizado e do ensino de arquitetura. De pronto, não há como se livrar das rugas adquiridas em experiências anteriores; a FAU Maranhão e os ateliês do Plínio Croce nos fundos, o Mackenzie ao lado da Itambé, a FAU-USP do Artigas e todas aquelas já estudadas, vêm à tona – Alvar Aalto em Espoo, Paul Rudolph em Yale, Louis Kahn em Rice, Álvaro Siza no Porto e outros, muitos outros.

Mas o tempo de construção da FAU PUC-Campinas era mais urgente, mais próximo e mais verdadeiramente possível e vital. Aí começa realmente o trabalho de pensar as possibilidades que seriam de fato próprias ao curso de arquitetura e urbanismo. Precisa-se de



salas-ateliês com pranchetas para todos os alunos? Não há dúvida; o trabalho do arquiteto exige permanência, opera com a intuição, que é acúmulo de tempo sintetizado, e exige o apaixonamento da presença. Mas, nessas mesmas salas, revendo as várias aulas como quem quer ver as mesmas coisas de outro jeito, podem-se afastar as mesas e construir o ambiente para uma aula teórica que poderá também ser motivada pelos estudos, projetos, fotos, mapas que estarão nas paredes, fixadas no celotex, lembrando outros caminhos tomados.

Quanto será importante aos estudantes de arquitetura da FAU PUC-Campinas em seu empenho na busca do conhecimento contar com um lugar fixo, onde em cada experimento semestral trabalhará em espaços carregados de informação e que acumulará, para os mais avisados, pátinas que assinalam a passagem de outros alunos que, em outros semestres, por ali encontraram sua capacidade de criar, entendendo e nutrindo o cotidiano inovador da comunicação que está na atmosfera? Quanto ajudará aos professores que ali constroem seu lugar de trabalho a convivência com os alunos em condições ambientais próprias e com as memórias de outros professores que, com os mesmos alunos, discutem outras áreas do conhecimento, sentindo pulsar a possibilidade da linha de integração capaz de construir a totalidade do ofício futuro?



Claro que há muito de esperança nesses pensamentos e que serão exigidos outros níveis de investigação, outra capacidade de análise, de crítica e de construção de possibilidades. Mas o lugar físico já existirá, e os limites desenhados pelas barreiras podem, em vez de se constituírem em fronteiras intransponíveis, indicar novas direções a experimentar. Se se entender a dimensão histórica desse instante e se usar os tempos e espaços para reflexões pelas quais o currículo semestral não imponha a segregação entre turmas, em local onde as paredes não impeçam a integração total, onde floresça a pluralidade que sempre foi própria ao jeito de ser escola da FAU PUC-Campinas, poder-se-á construir um trabalho marcado por um novo elã provocador de pesquisas em projeto. Não se estará encerrando um ciclo, mas abrindo-se as possibilidades de construir, com diligência e perseverança, nova etapa nas condições concretas que a Universidade oferece, reconhecendo a capacidade que se teve de construir, a partir de um curso inicial de arquitetura uma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo respeitada entre suas congêneres.

No prédio ora em construção, cada sala-ambiente virá a favorecer, com a exposição e comunicação de textos, ilustrações, projetos, o desenvolvimento dos conteúdos das disciplinas, aumentando, pela convivência com a pluralidade dos assuntos, a integração dos trabalhos do semestre; assim, o planejamento didático no início do ano certamente começará a levar em conta as novas possibilidades que o espaço específico oferece. Essas condições devem ainda ganhar mais competência no Trabalho Final de Graduação (TFG), levando-se em conta que os alunos agora poderão dedicar muito mais horas a seus estudos e projetos, mesmo sem a presença dos orientadores, mas convivendo com a exposição dos assuntos tratados. O próprio tempo de maturação do projeto pode e deve se reduzir na medida em que o contato com ele aumentará, com condições apropriadas para o exercício da crítica.

Outra condição excepcional que o tratamento do espaço deve oferecer é a oportunidade de visitar o currículo da escola passando pelas várias salas de cada grupo semestralizado. Aos alunos, essa visão de onde estão, pelo que já passaram e para onde se encaminham parece essencial. Aos professores se apresentará a oportunidade da crítica, revisão e construção mais eficiente de conteúdos curriculares. A fecunda convivência entre desenho, equipamentos e programas de informática e maquete poderá, dadas as condições, ser discutida com propriedade, iluminando essas ações e diferenciando o que é aparência e o que é conteúdo. Assim, a edificação em construção consolida experiências progressas e pretende propiciar condições para ampliar e aprofundar o convívio de idéias, posturas e partidos no qual germina a arquitetura, seu ensino e seu aprendizado.

NOTAS

1. “A arquitetura é uma ciência ornada por muitas disciplinas e variada erudição pelas quais se julgam as obras que alcançam a perfeição mediante outras artes. Ela resulta, assim, de fabricação e de raciocínio” (p.86).
2. Vitruvius (2002, p.90) prescreve para o arquiteto que ele “seja letrado, perito em desenho, erudito em geometria, conhecedor de muitas obras históricas, tenha ouvido atentamente os filósofos, saiba música, não seja ignorante em medicina, conheça jurisprudência e tenha conhecimentos sobre astronomia e sobre o sistema celeste”.
3. São abstratas, por exemplo, as questões relativas à natureza e aos fins do decoro, da *concinmitas*, da harmonia, do belo, da proporção, dos ritmos, das comensurações etc.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

VITRUVIO POLLIONE. *Architettura*. Edição bilíngüe. Milano: Rizzoli, 2002.

RESUMO

Neste ensaio, escrito por ocasião das obras de construção do novo prédio para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, discutem-se algumas questões relativas às peculiaridades do ensino e do aprendizado de arquitetura e dos espaços em que ele se dá, vistas à luz da história e das idiosincrasias dessa Faculdade, assim como das perspectivas que, pelo novo edifício que a sediará, se abrem.

PALAVRAS-CHAVE: projeto, ensino de arquitetura, arquitetura, *campus* universitário.

ABSTRACT

In this essay, written at the beginnings of the works for the Faculdade de Arquitetura e Urbanismo's new building, are discussed some issues referring to the peculiarities of architectural learning and of the spaces where it take place, seen under the light of history and the idiosyncrasies of this College, as well as the teaching's perspectives that, in the new building, are opened.

KEYWORDS: project, architectural teaching, architecture, *campus*.